unespciência
outubro de 2017 • ano 9 • número 90

© photonsk



Quem é este homem?

ARTIGOS DISCUTEM ASPECTOS DA GESTÃO DONALD TRUMP

O PROBLEMA DO VALO GRANDE
UMA SÉRIA QUESTÃO AMBIENTAL

HEMODIÁLISE
ARTE E CULTURA TRANSFORMAM O AMBIENTE

Viagem pelos sabores e aromas do fantástico Oriente



Odaliscas, sultões, palácios, riquezas, batalhas e tapetes mágicos seduzem corações e mentes desde tempos imemoriais. A partir desse fascínio, a pesquisadora Rosa Belluzzo convida para uma viagem rumo a esse mundo mágico: em *Mil e uma noites, mil e uma iguarias*, esse passeio histórico se entrelaça com receitas tradicionais da culinária árabe, em belíssimas ilustrações e gravuras à altura do mais nababesco banquete.

Mil e uma noites, mil e uma iguarias
Rosa Belluzzo | 137 páginas | R$ 68

Pluricom

Produzir conteúdo,
Compartilhar conhecimento.
Editora Unesp, desde 1987

www.editoraunesp.com.br

30 anos editora unesp

Governador
Geraldo Alckmin
Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação
Márcio França

unesp
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Reitor
Sandro Roberto Valentini
Vice-reitor
Sergio Roberto Nobre
Pró-reitor de Planejamento Estratégico e Gestão
Leonardo Theodoro Büll
Pró-reitora de Graduação
Gladis Massini-Cagliari
Pró-reitora de Pós-Graduação
João Lima Sant'Anna Neto
Pró-reitora de Extensão Universitária
Cleopatra da Silva Planeta
Pró-reitor de Pesquisa
Carlos Frederico de Oliveira Graeff
Secretário-geral
Arnaldo Cortina
Chefe de Gabinete
Carlos Eduardo Vergani
Assessor-chefe da Assessoria de Comunicação e Imprensa
Oscar D'Ambrosio

editora unesp fundação
Presidente do Conselho Curador
Mário Sérgio Vasconcelos
Diretor-presidente
Jézio Hernani Bomfim Gutierre
Superintendente administrativo e financeiro
William de Souza Agostinho

unespciência
Diretor de redação Oscar D'Ambrosio
Arte Hankô Design (Ricardo Miura)
Assistente de arte Andréa Cardoso
Colaboradores Alfredo Juan Guevara Martinez, André Pereira Lindenberg, Ariel Finguerut, Carlos Eduardo Carvalho, Daniela Ferro de Godoy, Decio Luiz Gazzoni, Jean-Jacques Armand Vidal, João Paulo Nicolini Gabriel, João Paulo Vani, José Roberto Fernandes Castilho, Karina Stange Calandrin, Kátia Cilene Oliveira da Silva, Kelly Jardim, Lívia Peres Milani, Marília Cunha Lignon, Nísia do Val Rodrigues Roxo Guimarães, Oscar D'Ambrosio, Sandra Papesky Sabbag, Sarah Elisa Viana (texto) Marcos Jorge (foto)
Revisão Maria Luiza Simões
Projeto gráfico Hankô Design (Ricardo Miura)
Produção Mara Regina Marcato
Apoio de internet Marcelo Carneiro da Silva
Apoio administrativo Thiago Henrique Lúcio
Endereço Rua Quirino de Andrade, 215, 4º andar, CEP 01049-010, São Paulo, SP. Tel. (11) 5627-0327.
www.unespciencia.com.br
revistaunespciencia@reitoria.unesp.br

Impressão 46 Indústria e Logística de Impressos
Tiragem 3 500 exemplares
É autorizada a reprodução total ou parcial de textos e imagens desde que citada a fonte. Os artigos assinados não refletem necessariamente a opinião da Universidade.

Um fascinante mistério

Donald Trump é um fascinante mistério. Trata-se de um presidente que nos interroga a cada instante com seu peculiar modo de se relacionar com os conterrâneos, com os políticos dos EUA e de todo o mundo, e com a mídia.

O político americano é objeto de vários artigos desta edição da revista **unespciência**, que enfocam diversas questões, como a migração, os elos dos EUA com Israel, o diálogo com Cuba, a proximidade entre a sua gestão e o romance *1984*, a Índia como prioridade da política externa e a lealdade do presidente com a direita alternativa de seu país.

Outros assuntos da edição são patrimônio arquitetônico no interior paulista, arte em unidade de hemodiálise, adequações ao modelo fitossanitário atual, o problema ambiental no Valo Grande, localizado no litoral sul do Estado de São Paulo, a existência de uma filosofia brasileira e a presença de pesquisa, arte e opinião na nossa Revista, que completou oito anos na edição de setembro último.

Temos ainda, em <www.unespciencia.com.br>, conteúdos exclusivos para internet, sobre a Década Internacional de Afrodescendentes (2015-2024), o Dia dos Pais, os sete anos do falecimento do escritor português José Saramago e a posse de docente da Unesp no Conselho Estadual de Educação.

Ótima leitura!

6

RELAÇÕES INTERNACIONAIS
QUEM É DONALD TRUMP AFINAL?

Maurício Macri, Donald Trump e as restrições à migração
LÍVIA PERES MILANI

O que a coletiva de imprensa de Trump e Netanyahu realmente significou?
KARINA STANGE CALANDRIN

Chegou a vez de Cuba: a nova política de Trump
ALFREDO JUAN GUEVARA MARTINEZ

1984 vs. Donald Trump
JOÃO PAULO VANI

Hesitações da Índia diante de Trump
JOÃO PAULO NICOLINI GABRIEL E CARLOS EDUARDO CARVALHO

A Lealdade de Trump à Direita Alternativa
ARIEL FINGUERUT

20

PATRIMÔNIO
A cruz na janela
JOSÉ ROBERTO FERNANDES CASTILHO



22

SAÚDE
Arte em unidade de hemodiálise
ANDRÉ PEREIRA LINDENBERG
JEAN-JACQUES ARMAND VIDAL
KÁTIA CILENE O. DA SILVA
KELLY JARDIM
NÍSIA DO VAL R. R. GUIMARÃES
SANDRA PAPESKY SABBAG
SARAH ELISA VIANA









28



31

LEITURA
"Existiria uma filosofia brasileira?"

AGRICULTURA
Adequações ao modelo fitossanitário atual
DECIO LUIZ GAZZONI



32

ECOLOGIA
O PROBLEMA DO VALO GRANDE

Guardiões da zona costeira em sério risco
MARÍLIA CUNHA LIGNON

Alteração de um ecossistema
DANIELA FERRO DE GODOY



34

OPINIÃO
Pesquisa, Arte e Opinião
OSCAR D'AMBROSIO

Quem é Donald Trump afinal?

ARTIGOS DISCUTEM OS ELOS DO PRESIDENTE DOS EUA COM OUTRAS NAÇÕES E COM O POVO AMERICANO

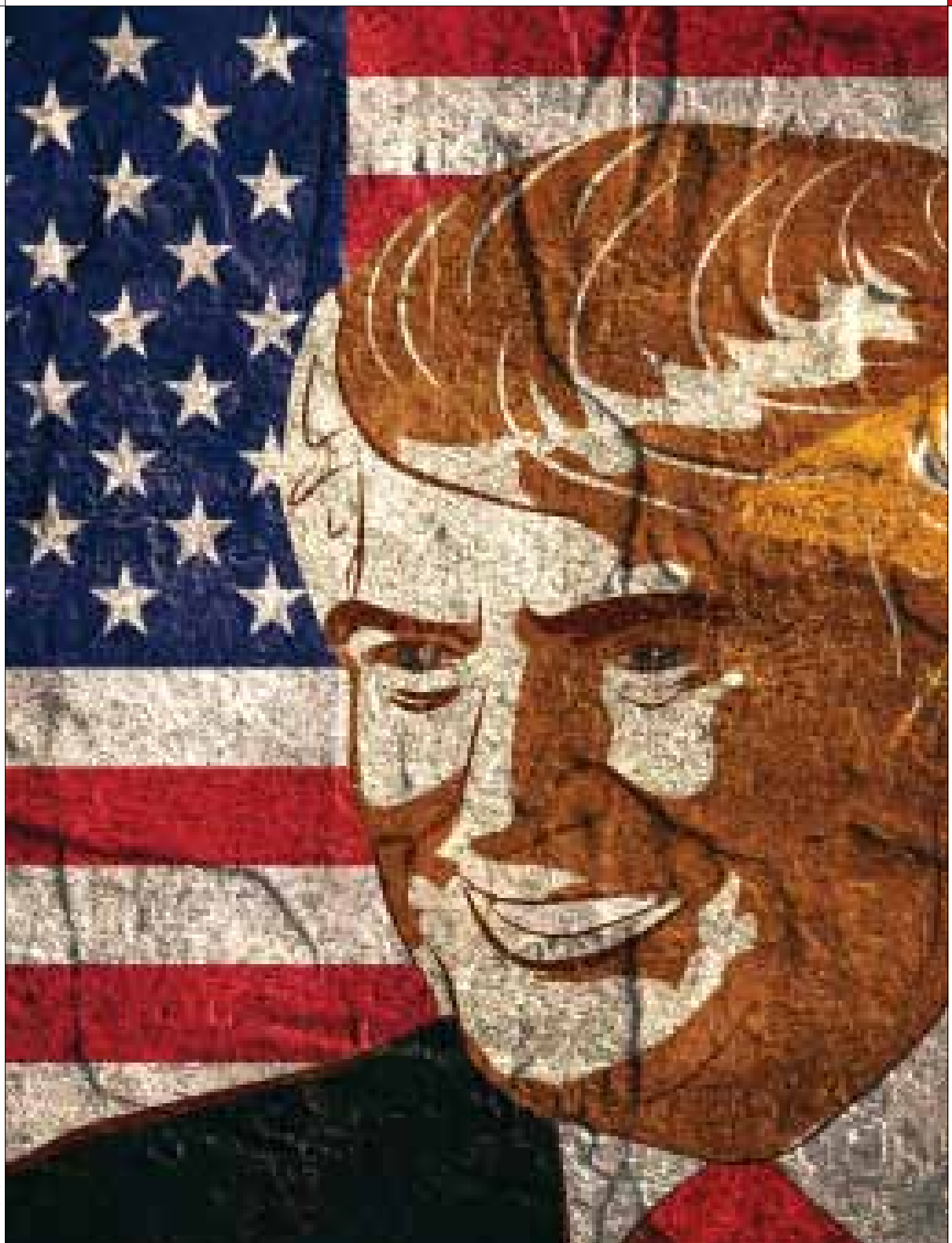
MAURÍCIO MACRI, DONALD TRUMP E AS RESTRIÇÕES À MIGRAÇÃO

LÍVIA PERES MILANI

No dia 30 de janeiro de 2017, o presidente da Argentina, Maurício Macri, assinou um Decreto de Necessidade e Urgência (DNU), que visava endurecer as regras de migração. A decisão executiva visa facilitar processos de deportação em caso de investigações criminais e de ingresso irregular no país. Determina também o endurecimento do controle de antecedentes criminais antes da permissão de entrada. O governo argentino justifica a medida como parte do combate ao narcotráfico e relaciona o aumento da criminalidade com o fluxo de migrantes da Bolívia, do Peru e do Paraguai.

De acordo com o decreto da presidência argentina, mais de vinte por cento da população carcerária nas prisões federais é de migrantes. Por outro lado, organizações não-governamentais, como a Anistia Internacional Argentina e o Centro de Estudos Legais e Sociais (CELS), argumentam que o governo omite a significativa baixa dos índices ao se considerar o sistema carcerário como um todo, no qual há apenas 6% de migrantes. De acordo com essas organizações, apesar da relação feita pelo governo, menos de 0,1% da população de migrantes foi condenada por envolvimento com o narcotráfico.

O caso atraiu atenção pela proximidade temporal com o decreto de Donald Trump assinado em 27 de janeiro. A ordem executiva de Trump impedia por noventa dias a entrada



© Depositphotos

de nacionais de sete países majoritariamente muçulmanos nos Estados Unidos: Irã, Iraque, Síria, Yemen, Sudão, Líbia e Somália. A medida ainda limitava significativamente a admissão de refugiados e gerou acusações de discriminação religiosa. A controversa decisão tinha por objetivo, de acordo com o governo Trump, o combate ao terrorismo e o presidente invocou os atentados de 11 de setembro de 2001 para justificá-la. Entretanto, de acordo com o Cato Institute, no período de 1975 a 2015, não existem registros de ataques terroristas com fatalidades realizados por nacionais dos sete países que foram objeto da medida.

NO CASO DOS EUA, É FEITA UMA RELAÇÃO ENTRE MIGRAÇÃO E TERRORISMO E, NA ARGENTINA, ENTRE MIGRAÇÃO E CRIME

Fazer paralelos entre os decretos dos EUA e da Argentina demanda cautela pois as diferenças são significativas. A decisão de Trump é mais radical e foi tomada de forma unilateral pelo presidente, gerando conflitos entre o Executivo e o Judiciário, que se movimentou para barrá-la. No caso argentino, apesar da decisão ter partido de medida executiva, houve concertação com líderes de oposição no Senado e não há suspensão da entrada de nacionais de qualquer país. Apesar da coincidência temporal, é pouco provável que haja uma relação entre a ordem de Macri e a eleição nos EUA. O endurecimento do combate ao narcotráfico, que serviu de base para o decreto, foi uma das principais promessas de campanha de Macri.

Há semelhança entre os dois processos, todavia, em um ponto específico: as duas medidas buscam relacionar migração e questões de segurança interna, criando um "inimigo público" relacionado com a figura do estrangeiro. No caso dos EUA, é feita uma relação entre migração e terrorismo e, na Argentina, entre migração e crime. Ao fazê-lo, os governos estigmatizam grupos marginalizados e intensificam um processo de criminalização das migrações. Assim, contribuem para intensificar o preconceito, a discriminação a grupos específicos e vão na contra-mão da tradição de ambos os países, notórios por seu passado de abertura a migrantes.

Lívia Peres Milani é mestre e doutoranda em Relações Internacionais pelo Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais "San Tiago Dantas" (Unesp, Unicamp, PUC-SP) e graduada em Relações Internacionais pela Universidade Estadual Paulista – Unesp. Participa do Grupo de Estudos em Defesa e Segurança Internacional (GEDES/Unesp).

O QUE A COLETIVA DE IMPRENSA DE TRUMP E NETANYAHU REALMENTE SIGNIFICOU?

KARINA STANGE CALANDRIN

No dia 15 de fevereiro, o primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, esteve nos Estados Unidos para a primeira visita oficial ao novo presidente estadunidense, Donald Trump. A coletiva de imprensa conjunta deixou um sentimento de confusão, que foi reforçado pelas contraditórias conclusões de vários meios de comunicação. Algumas manchetes declararam que Trump acabara de romper com "décadas de política dos EUA" por supostamente "abandonar a solução de dois Estados". Outros focaram em quão fortemente Trump enfatizou seu desejo de ver um acordo de paz no Oriente Médio, ao ponto de dizer diretamente a Netanyahu que Israel terá que fazer compromissos e mostrar flexibilidade e pedir isso ao primeiro-ministro israelense.

O presidente americano não mencionou a solução de dois Estados em suas declarações. Em vez disso, falou apenas em termos gerais sobre um acordo de paz que exigirá "flexibilidade" e "compromissos" de ambos os lados.

Quando questionado especificamente sobre a solução de dois Estados, Trump disse que não descarta qualquer opção, um Estado, dois Estados ou qualquer outra coisa, desde que seja aceito por ambas as partes, Israel e os palestinos. Esta resposta estava de acordo com o que diferentes funcionários da administração disseram recentemente, que Trump quer um acordo de paz, e deixaria os dois lados determinarem seus "termos".

Trump também afirmou a Netanyahu que Israel teria que "se segurar um pouco" sobre os assentamentos, o que implica que ele percebe



© Agência Brasil/ Menahem Kahana/Pool/EPA/Agência Lusa

Trump conversa com o primeiro-ministro israelense Benjamin Netanyahu.

que há uma dimensão territorial para o conflito entre Israel e Palestina. Seu tom e palavras sobre os assentamentos não foram tão duros quanto os de seu antecessor, Barack Obama, mas ele também deixou claro que aqueles em Israel que poderiam ter esperado carta branca de Trump no estabelecimento de assentamentos, provavelmente serão decepcionados.

Em Israel, alguns políticos de direita abertamente celebraram as palavras de Trump, e interpretaram como um atestado de morte oficial da resolução de dois Estados. Outros, no entanto, viram a frase como simplesmente uma afirmação de que os termos do acordo de paz terão de ser negociados por ambas as partes e os Estados Unidos não irão impor condições sobre as partes. Deve-se notar que o primeiro presidente estadunidense a endossar formalmente uma resolução de dois Estados foi George W. Bush, que o fez somente no ano de 2001.

Trump não se opõe, necessariamente, a uma resolução de dois Estados. O ponto importante do seu ponto de vista é um acordo que ambos os lados possam aceitar. Até agora, depois de décadas de negociações, nenhuma outra fórmula foi aceita pelos palestinos.

Trump mencionou uma série de ideias na coletiva de imprensa. Em primeiro lugar, ele afirmou o óbvio, que ambos os lados terão que fazer concessões e mostrar flexibilidade. Em relação a Israel, mencionou a suspensão da construção dos assentamentos. Com relação aos palestinos, sua linguagem foi mais forte, enfatizou que precisam parar de incitar Israel, inclusive em suas escolas. Trump falou sobre "parar o ódio" contra israelenses e judeus. Além disso, afirmou que queria conseguir um acordo de paz regional com o envolvimento de outros países árabes.

Uma declaração importante de Donald Trump, que não recebeu muita atenção da mídia, foi que acreditava que um acordo regional permitiria que Israel "mostrasse mais flexibilidade" do que mostrou no passado. Esta citação realmente se encaixa com tentativas de administrações anteriores dos EUA, de Clinton a Obama, para envolver o mundo árabe em negociações de paz, de modo que Israel receba maiores benefícios diplomáticos, econômicos

Karina Stange Calandrin é doutoranda em Relações Internacionais pelo Programa de Pós-Graduação San Tiago Dantas (Unesp – Unicamp – PUC-SP) na área de concentração Paz, Defesa, Segurança Internacional.

e de segurança por quaisquer compromissos territoriais que ele fizer. Trump não é o primeiro presidente dos EUA a adotar essa linha de pensamento, mas ainda pode ser o primeiro a fazê-lo realmente funcionar.

Ao contrário de Trump, Netanyahu foi mais claro em suas declarações e deu um grande passo para a rejeição da resolução de dois Estados. Netanyahu afirmou que, em sua visão de um acordo de paz, Israel terá que manter o controle sobre toda a terra a oeste do rio Jordão. O que isto significa, de fato, é que o futuro Estado palestino permanecerá sob controle israelense.

No passado, Netanyahu insistiu publicamente em duas condições para a paz: o reconhecimento palestino de Israel como um estado judeu e que o Estado palestino será desmilitarizado, não podendo atacar Israel militarmente. O primeiro-ministro também exigiu nas últimas negociações que Israel possa manter uma presença militar no Vale do Jordão, a área que separa os principais centros populacionais palestinos na Cisjordânia da Jordânia.

PROVAVELMENTE NENHUM LÍDER PALESTINO CONCORDARÁ COM UM ESTADO PALESTINO SOB CONTROLE MILITAR ISRAELENSE.



O presidente Donald J. Trump assina o memorando presidencial da segurança nacional sobre o fortalecimento da política dos Estados Unidos para Cuba, em 16 de junho de 2017.

Netanyahu também ressaltou que ele e o presidente palestino, Mahmoud Abbas, não concordaram com uma resolução de dois Estados. De fato, provavelmente nenhum líder palestino concordará com um Estado palestino sob controle militar israelense. Este ponto de discordância foi uma das principais razões pelas quais a tentativa de John Kerry por um acordo de paz falhou em 2014. Resta ver como Trump vai lidar com isso.

O júbilo da direita israelense certamente serve às necessidades políticas de curto prazo de Netanyahu, e não há dúvida de que, mesmo a partir de uma perspectiva de centro-esquerda, as palavras de Trump eram música para os ouvidos de Netanyahu quando comparadas com algumas das que o presidente Obama lhe havia dito nos últimos oito anos.

Se Israel tiver que escolher entre dois Estados ou um Estado, provavelmente ainda escolheria a primeira opção e não se tornaria um Estado binacional, onde quase metade da população está abaixo da linha de pobreza. Trump disse que estaria bem com tal realidade, mas Netanyahu provavelmente não. Isso deixa um fardo para ele oferecer outras ideias e tentar convencer Trump de que elas podem ser aceitas pelos palestinos e pelo mundo árabe.

CHEGOU A VEZ DE CUBA: A NOVA POLÍTICA DE TRUMP

ALFREDO JUAN GUEVARA MARTINEZ

Depois de 6 meses de mandato, Donald Trump volta brevemente sua atenção



© Foto oficial da Casa Branca por Shealah Craighead

para Cuba. Em uma ordem executiva planejada com congressistas como Marco Rubio e Mario Díaz-Balart – ambos de ascendência cubano-americana –, o presidente Trump foi à Flórida assinar uma ordem que seria o primeiro passo para voltar atrás na normalização promovida por Obama. Ou, pelo menos, foi vendida dessa forma.

O principal efeito da ordem executiva é proibir transações financeiras entre empresas dos Estados Unidos com empresas cubanas que sejam controladas pelos militares da ilha. Também foram limitadas as formas com que o turismo de cidadãos americanos pode ser feito para Cuba.

Mais importante que o efeito da ordem é sua simbologia. A assinatura foi feita em Miami, cidade onde vivem cubano-americanos de viés mais linha-dura contra o governo de Cuba. O evento foi o palco ideal para garantir a continuidade do apoio a Trump prestado por esses grupos que foram contra a iniciativa de normalização promovida pela administração anterior.

Vale lembrar que, apesar de hoje representarem em menor escala os interesses da comunidade cubano-americana, historicamente, grupos organizados de anti-castristas dissidentes sempre trabalharam em função de pressionar os Estados Unidos para adotar uma política mais austera contra o governo da Revolução cubana. Em momentos anteriores da história do país, a participação desses grupos foi chave para a definição das estratégias de política externa dos Estados Unidos para Cuba, como na transformação do embargo econômico em Lei Federal.

Embora menos proeminentes em sua capacidade de influência política, esses segmentos da comunidade cubano-americana apoiaram Trump em sua campanha presidencial em troca da garantia de um retrocesso no processo de normalização promovido por Obama.

Em termos de holofotes, a assinatura do novo ato foi uma oportunidade para "cumprir" com essas promessas, mas, na prática, considerando o tamanho da flexibilização promovida por Obama, ela ainda não está perto de ser revertida. As embaixadas, que estavam fechadas desde a década de 1960, foram reabertas em 2015 como o primeiro e mais importante passo da administração Obama para a normalização, e a nova estratégia de Trump, por enquanto, mantém essa decisão. Ao mesmo tempo, o clima interno de Cuba enfraquece a utilização de uma retórica mais dura contra a ilha, visto que o governo está se preparando para que em 2018 Raúl Castro deixe o poder e eleições sejam convocadas.

Apesar de revestida de um discurso duro tradicional para Cuba, a estratégia de política exterior de Trump ainda não é uma reversão completa da normalização promovida por Obama. O resultado disso é que, por ora, as relações de política exterior entre os dois países não apresentam grandes mudanças, exceto a retomada de um tom mais austero.

Alfredo Juan Guevara Martinez é mestre em Relações Internacionais pela PUC-MG, doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas (Unesp, Unicamp e PUC-SP) e pesquisador do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Estudos sobre Estados Unidos (INCT-INEU) e do Instituto de Estudos Econômicos e Internacionais da Unesp (IEEI-Unesp). Atualmente é Visiting Scholar na University of South Florida, trabalhando no Institute for the Study of Latin America and the Caribbean (ISLAC).

1984 VS. DONALD TRUMP

JOÃO PAULO VANI



© Depositphotos

O celebrado romance distópico *1984*, do autor britânico George Orwell, pseudônimo de Eric Arthur Blair, foi concluído no ano de 1948 e publicado em 1949. A obra retrata o cotidiano da sociedade que vive, no ano de 1984, sob um regime político totalitário e repressivo. No livro, Orwell mostra como um regime oligárquico coletivista é capaz de reprimir qualquer um que a ele se opuser.

O romance de Orwell se tornou famoso por retratar a constante e irrestrita fiscalização e controle exercidos pelo governo sobre a vida dos cidadãos, o que acaba por gerar forte impacto nos direitos do indivíduo. Com a repercussão da obra, muitos de seus termos e conceitos, como "Big Brother", "duplipensar" e "Novilíngua" foram incorporados à língua corrente.

AO QUE PARECE, EXISTE NESTE MOMENTO UM MOVIMENTO DE MUDANÇA MAIS À DIREITA NO ESPECTRO POLÍTICO MUNDIAL

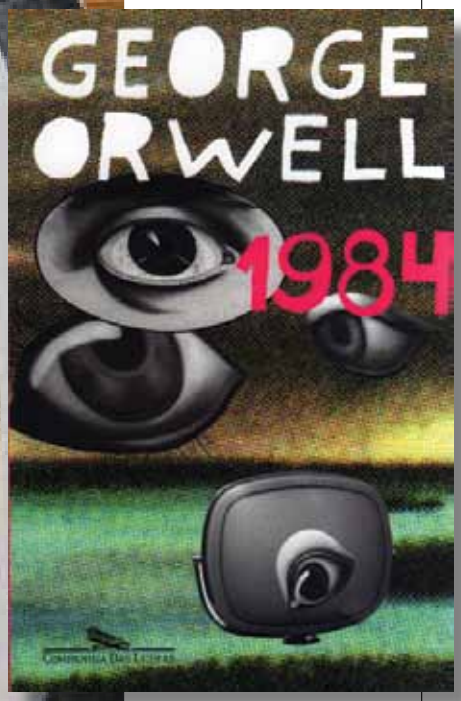
Próximo ao seu aniversário de 70 anos, a obra de Orwell se viu novamente em destaque, quase como que "redescoberta" pelos leitores e, desde a posse do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, se tornou um best-seller. De acordo com a edição do dia 25 de janeiro, apenas cinco dias após a posse do novo presidente americano, *1984* havia registrado um aumento de 9.500% nas vendas. Mas, o que pode ter ocasionado essa corrida às livrarias?

Em primeiro lugar, é importante destacar que *1984*, último romance de Orwell, é uma ficção distópica, e a distopia é o avesso da utopia, ou seja, não retrata aquilo que desejamos, o positivo, e sim o que tememos, o negativo. Pode-se atribuir o aumento nas vendas da obra ao ambiente de medo que se cria diante das incertezas que a gestão Trump traz ao mundo, dentre as quais, a possibilidade de privação dos direitos individuais, consequência dos regimes totalitários. E, devemos ressaltar, esse medo vem sendo provocado pelo próprio Trump.

O livro de George Orwell é o resultado da vivência de um escritor inserido em um contexto de enormes mudanças, ocorridas entre o final do século 19 e primeira metade do século 20. Naquele período, o Império Britânico via seu poderio econômico se abalar, sobretudo após a Primeira Guerra Mundial, ao mesmo tempo em que os Estados Unidos surgiam como nova promessa de império. O mundo mudava rapidamente. Surgiram as teorias de Darwin, Marx, Freud, Einstein. Diante de tantas mudanças, Orwell passa a acreditar que a tecnologia poderá se tornar uma ferramenta de controle e repressão. Por essa perspectiva, a sociedade se torna fragilizada. A repressão política e social são práticas comuns em quaisquer regimes totalitários, de esquerda ou de direita. A sociedade pode ter

João Paulo Vani é presidente da Academia Brasileira de Escritores, mestre em Teoria Literária e doutorando em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Unesp de São José do Rio Preto. Contato: <jpvani@editorahn.com.br>.





***1984*,**
George Orwell,
Companhia das Letras,
416 páginas.

acesso a isso na segunda metade do século 20, diante das narrativas vindas das extintas União Soviética e Alemanha Oriental, de Cuba e da Coreia do Norte. E, neste momento, com sua gestão prestes a completar 100 dias, e muitas polêmicas e mudanças em questões que tocam no protecionismo da nação, acredito que seja esse o grande questionamento em torno do governo Trump: a eventual adoção de uma postura totalitária.

Ao que parece, existe neste momento um movimento de mudança mais à direita no espectro político mundial, seja com a eleição de Donald Trump nos Estados Unidos ou com a saída do Reino Unido da União Europeia; seja com a ascensão de líderes políticos de direita em toda a Europa: Áustria, Dinamarca, Holanda, Suécia e França, com Marine Le Pen consolidada como uma das candidatas favoritas para as eleições que acontecem no próximo dia 23 de abril, e para entender melhor essas mudanças, as pessoas estão buscando a arte.

A literatura é uma expressão artística e, como tal, acaba por retratar criticamente o contexto no qual o escritor está inserido. As relações encontradas nas obras literárias, que envolvem política, direito, economia, são fundamentais para que o indivíduo possa compreender o presente e o passado, bem como possa se preparar para o futuro, o que parece, exatamente, estar acontecendo.

A literatura tem ainda a capacidade de auxiliar o indivíduo na compreensão da história ou no aprofundamento de fatos cotidianos que são convertidos em fatos históricos. O distanciamento de alguns anos de episódios como as Guerras Mundiais, as bombas de Hiroshima e Nagasaki, o 11 de setembro, dentre tantos outros, permite aos escritores produzir narrativas capazes de levar o indivíduo à reflexão e

maior compreensão de tais fatos. Além disso, quando uma obra literária passa a ser associada a um fato recente, como estão *1984* e a gestão Trump, sem dúvida gera curiosidade, e o mercado editorial fica aquecido: o interesse por uma obra literária específica pode levar o leitor, agora estimulado, a buscar novas leituras.

HESITAÇÕES DA ÍNDIA DIANTE DE TRUMP

JOÃO PAULO NICOLINI GABRIEL E CARLOS EDUARDO CARVALHO

Desde a campanha eleitoral, Trump coloca a Índia como prioridade de política externa. Logo após a posse, em conversa telefônica com o primeiro-ministro Narendra Modi, o presidente apontou a Índia como "verdadeira amiga" dos EUA e acentuou a disposição de trabalhar em conjunto no combate ao terrorismo. Porém, cresce entre os indianos a percepção de que a nova liderança de Washington trata seu país como amigo, mas não pensa o mesmo de seus cidadãos.

No início de fevereiro, o governo norte-americano pediu ao Conselho de Segurança da ONU (CSNU) que Masood Azhar, líder da organização fundamentalista islâmica Jaish-e-Mohammed (JeM), fosse listado como terrorista global. O paquistanês é acusado de organizar atentados na Índia, caso do ataque ao Parlamento em 2001, e à área militar de Nagrota, em 2016. O pedido dos EUA foi bloqueado pela China, interessada em manter a simpatia de Islamabad, importante parceiro na região e peça fundamental em projetos como a Rota da Seda. Nova Délhi comemorou a iniciativa dos EUA em questão sensível e delicada, inclusive pelos dividendos em termos de apoio doméstico ao governo Modi.

Todavia, no dia 22 do mesmo mês, dois indianos residentes nos EUA, trabalhadores da Garmin, importante produtora de aparelhos de GPS, foram hostilizados por um americano com ofensas xenofóbicas e baleados em um bar de Olathe, no Kansas. O engenheiro Srinivas Kuchibhotla morreu e o assassino, Adam Purinton, foi preso horas depois. Trump não se manifestou prontamente e sua única censura à violência no dia foi sobre índice de homicídios de Chicago. Somente dias depois, no discurso sobre o Estado da União, fez uma referência ao caso, em meio a uma condenação a crimes de ódio.

Os dois acontecimentos acentuaram a percepção ambígua dos indianos sobre o governo Trump. É evidente que Washington aposta na posição geográfica e nos interesses da Índia para combater o fundamentalismo islâmico na Ásia Central e compor um dos pilares para enfrentar o peso crescente da China. Contudo, cresce o temor de que o novo governo reduza importantes programas de emissão de vistos para indianos interessados em trabalhar nos EUA, com o objetivo de pressionar as empresas locais a contratar cidadãos americanos.

As tensões entre os dois processos colocam dificuldades consideráveis para o governo Modi. Era forte a expectativa de que o governo Trump abriria possibilidades atraentes para ampliar a parceria estratégica com os EUA, com ênfase em relações bilaterais, combate ao terrorismo e à proliferação nuclear e iniciativas para contrabalancear o poder crescente da China. Contudo, cresceram as preocupações com os efeitos do nacionalismo exacerbado que Trump promoveu durante a campanha presidencial e agora procura inserir nas políticas migratórias e comerciais. O governo indiano receia a criação de fortes empecilhos para cidadãos e empresas indianas na intensa expansão da interdependência entre os setores de serviços e de informática dos dois países, que gera fluxos de capitais muito expressivos e grandes possibilidades de desenvolvimento tecnológico para a Índia.

Desde o final da Guerra Fria, Índia e Estados Unidos foram se aproximando e as relações se intensificaram nos últimos anos. Além de interesses diplomáticos que convergiram diante dos novos desafios e interações do início do século XXI (segurança, política energética, controle da proliferação nuclear), houve uma aproximação muito forte entre empresários dos dois países.

João Paulo Nicolini Gabriel é mestrando do Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas (PUC-SP, Unesp e Unicamp).

Carlos Eduardo Carvalho é professor da PUC-SP, Departamento de Economia e Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas.



© Joshua Roberts/MEA/FotosPúblicas

Primeiro-ministro indiano Modi com o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, na Casa Branca, em Washington.

Há mais de dois milhões de indianos nos EUA, com renda e escolaridade média acima da média nacional. Embora tenha crescido o número de indianos ilegais nos EUA em busca de oportunidades, é considerável o número de indianos que se instalam nos Estados Unidos para cursos de pós-graduação ou para trabalhar como técnicos ou engenheiros em empresas de alta tecnologia. Possíveis medidas de restrição à emissão dos vistos H1-B e L1, concedidos a trabalhadores especializados contratados por empresas americanas ou transferidos para os EUA, dificultariam a aproximação de empresas indianas com centros de excelência científica nos EUA, além dos riscos de redução das remessas dos emigrantes para suas famílias, valor que superou dez bilhões de dólares em 2015.

Não se sabe como Narendra Modi lidará com as ambiguidades de Trump. O novo governo é visto na Índia como parceiro mais decidido no combate ao fundamentalismo islâmico, em especial ao alegado apoio do Paquistão a organizações terroristas, bem como para enfrentar o temido expansionismo da China. Porém, cresce o receio de que a orientação antiglobalização da Casa Branca atrapalhe a política de Modi e de seu partido, o BJP, de atrair investimentos e incentivar o grande contingente de jovens a se especializar em informática e serviços.

HÁ MAIS DE DOIS MILHÕES DE INDIANOS NOS EUA, COM RENDA E ESCOLARIDADE MÉDIA ACIMA DA MÉDIA NACIONAL

Para Modi, aprofundar as relações diplomáticas com os EUA é primordial para os interesses indianos. Além de principais defensores



© Depositphotos

da legitimidade do programa nuclear da Índia, os americanos cooperam com Nova Délhi em várias dimensões (ajuda humanitária, questões ambientais, coprodução de armamentos). Porém, Modi terá que persuadir Trump a não adotar medidas impopulares entre os indianos, que constranjam as ações de seu governo para ampliar as relações bilaterais. O triunfo eleitoral do BJP em 2014 reforçou a aproximação com Washington, construída lentamente depois do longo distanciamento da Guerra Fria, quando a identidade da Índia independente se mesclava com o não alinhamento e o terceiro-mundismo.

O governo de Manmohan Singh, antecessor de Modi, não conseguiu conciliar esse movimento com as pressões internas. Pesou muito a detenção da diplomata Devyani Khobragade em Nova York, em 2013, acusada de manter uma empregada doméstica em condições análogas a escravidão. Modi terá que sobrepujar os efeitos internos de questões dessa natureza, inclusive para chegar com força nas eleições gerais de 2019, fundamentais para a continuidade de seu projeto político.

A LEALDADE DE TRUMP À DIREITA ALTERNATIVA

ARIEL FINGUERUT

"Não são os fatos que perturbam o homem, mas o modo como ele as interpreta."

Epíteto

Você sabe quem são David Duke? Richard Spencer? E Jared Taylor? Estes são alguns dos nomes que inventaram ou se reinventaram como "direita alternativa" ("alt right", em inglês). Sem ela, Donald Trump dificilmente chegaria onde chegou. Os conservadores ou o establishment republicano, desde o princípio (e até hoje) manteve-se com pelo menos um pé atrás de tudo que diz respeito a Trump. Embora sem dúvida, muitos conservadores receberam Trump em Washington D.C. com um sorriso no rosto e históricas reivindicações na ponta da língua e em numerosos dossiês e estudos.

E alguns otimistas não hesitam em comparar Trump com Reagan, alegando que o primeiro, tal como o segundo, por justamente não ser um político tradicional, estaria mais disposto a ouvir e implementar uma agenda política de fato conservadora na teoria e na prática. Mesmo os neoconservadores demostram uma tentativa de trabalhar com Trump, uma vez que este adota uma retórica mais agressiva e se mostra mais disposto a usar o poder militar americano na defesa e manutenção da ordem internacional.

Contudo, não precisamos pensar em alegorias shakespearianas, como no seu personagem Hamlet, para questionar se não há algo de podre no reino de Trump. Como bem sintetiza um dos professores do conservadorismo moderno dos EUA, Harvey C. Mansfield, Trump não é um "gentleman". Isso quer dizer que, apesar de demostrar em vários momentos imensa ansiedade e necessidade de ser aceito e de se destacar, Trump age com uma imprevisibilidade que apenas faz aumentar a lista das gafes e incidentes políticos. Basta lembrar do "chega mais para lá" de Trump no primeiro ministro de Montenegro, para aparentemente ficar na frente para uma foto ou mesmo a recusa em cumprimentar Ângela Merkel em visita oficial aos EUA. Sua falta de boas maneiras, de protocolo diplomático ou mesmo a sensação que Trump ora pode elogiar e se aproximar de alguém para semanas depois se afastar e ofendê-lo o faz um presidente que facilmente se encaixa na definição de "populista", "autocrata" ou no limite o afasta de uma definição clássica de "conservador" ou "republicano". Autores como Dannel Malloy tentam fazer um contraponto, alegando que Trump seria apenas honesto demais e sincero como pessoa, o que poderia ajudar ou prejudicar a diplomacia americana.

Todavia, ouvindo as declarações de Trump sobre o que aconteceu em Charlottesville declarando ora que "'há culpa dos dois lados" ou que o "racismo é mau" ele pode estar sendo "honesto", mas definitivamente está prejudicando os EUA e perdeu a oportunidade moral

Ariel Finguerut, doutor em Ciência Política pela Unicamp, é pesquisador do IEEI-Unesp.



© Depositphotos

de dizer com todas as letras e em alto e bom som que os EUA não toleram a intolerância.

Tal postura apenas reafirma que Trump guarda no armário não um, mas vários "dr. Jekyll". Um deles pode ser sua simpatia por autocracias e autocratas como Vladmir Putin. Mais do que isso, Trump muitas vezes flerta com uma diplomacia autoritária que tenta dialogar com Filipinas, Turquia ou o emblemático caso russo. Outro monstro no armário é sua misoginia, atacando e ofendendo mulheres sejam jornalistas, presidentes, chanceleres de todas as culturas e em todos os lugares. Os eventos em Charlottesville em 11 e 12 de agosto de 2017, revelam um destes monstros que Trump tenta guardar no armário, mas não consegue manter sob pleno controle.

Trata-se de sua relação com a extrema-direita em geral e com a chamada direita alternativa em especial. Pelo fato de Trump ser um estranho entre conservadores e ter uma retórica que muitas vezes é incendiária nos leva a pensar no trânsito entre as suas ideias e ativistas "alt right" vistos em Charlottesville. Steve Bannon é um dos assessores mais importantes e influentes e tem laços comprometedores com a direita alternativa. Durante sua pré-candidatura a Ku Klux Klan (KKK) declarou oficialmente apoio a Trump. Ele demonstrou um repúdio honesto e veemente? Não! Ele desconversou, minimizou e, no limite, disse desconhecer o que era a KKK. Na ocasião, muitos lembraram por exemplo que o pai de Trump, Fred, teve que se explicar à polícia por suposto envolvimento com a KKK em 1927.

Trump dificilmente conseguiria tirar votos de Hillary Clinton como tirou sem a máquina difamatória, cheia de trolls, memes, "fake News" e teorias conspiratórias que transformou "vozes marginais" em celebridades virtuais com



milhões de leitores e seguidores. É o caso da Breitbart News por onde passou Bannon. Assim como também é caso dos blogs da direita alternativa, termo que ganhou o sentido contemporâneo graças a ativistas como Richard Spencer, Jared Taylor, Milos Yiannopoulos e Alex Jones. Há sem dúvida grandes diferenças entre eles, mas em comum todos ganharam visibilidade, influência e capacidade de mobilização política graças e surfando na ideia de "Make America Great Again" e no esforço de eleger Trump (e derrotar Hillary Clinton). No mais, Spencer e Taylor estavam em Charlottesville gritando palavras de ordem racistas e fazendo saudações nazistas.

Da mesma forma que Trump até hoje é ambíguo em relação a sua relação com a Rússia e não consegue esconder sua simpatia a Putin, ele também tem sido ambíguo com a direita alternativa. Esta ambiguidade apenas ficou explícita na sua reação à morte de uma mulher, 19 feridos e 2 policiais estaduais. De imediato, Trump condenou a violência de "ambos os lados" enfatizando que "ambos" os lados supostamente seriam violentos e não nomeou os "lados". Foi preciso 48 h, declarações de condenação fortes de vários lados e de vários atores políticos dos EUA e internacionais para Trump de forma "protocolar", ler uma declaração que talvez não tenha sido escrita por ele, condenando o racismo e a violência dos grupos de ódio, citando supremacistas brancos, neonazistas e a KKK. Do outro lado da história, lideranças como David Duke, historicamente ligado à KKK, declarou que em Charlottesville estava a verdadeira base de Trump, aqueles que o apoiaram desde o início e que estão ansiosos para pôr em prática todas as promessas de Trump e assim "Make America Great Again". Tal declaração de legitimidade e apoio certamente deixa Trump confuso. Especialmente se somarmos a isso que a base republicana e muitos conservadores estão atacando.

MUITOS CONSERVADORES RECEBERAM TRUMP EM WASHINGTON D.C. COM UM SORRISO NO ROSTO E HISTÓRICAS REIVINDICAÇÕES

Tal como Trump criticou a própria ação de seu governo de punir a Rússia por influenciar (e o favorecer) nas eleições americanas, não foi surpresa que menos de 24 h depois Trump voltou à sua declaração original, enfatizando a "violência dos dois lados" e indo além, falando e condenando uma "esquerda alternativa" que hoje quer derrubar estátuas de heróis do Sul/Confederado para, amanhã, derrubar estátuas como as de Thomas Jeferson ou George Washington.

Trump, que já chegou a igualar a "democracia americana" à "democracia russa", me parece que logo igualará a direita americana (e o conservadorismo americano) à direita alternativa. UC



© blogdotoninho.com.br



Detalhe da janela entalhada com a cruz da Ordem de Cristo.

A cruz na janela

UM PEQUENO ORNAMENTO QUE TEM MUITO A DIZER

Um pequeno ornamento nas folhas das janelas do casarão de Álvaro Coelho, em Presidente Venceslau, guarda informações relevantes. Trata-se de um entalhe com a cruz da Ordem de Cristo (ou Ordem dos Cavaleiros do Nosso Senhor Jesus Cristo), criada no século XIV pelo rei D. Dinis de Portugal, sendo espécie de sucessora "solar" dos templários medievais. Apesar do longo hiato temporal, a sucessora "lunar" seria a Maçonaria: não por acaso, Jacques De Molay – que nomeia a organização de jovens patrocinada pela Maçonaria – foi o último grão-mestre dos templários. Esta cruz, símbolo de Portugal, estava nas caravelas como está até hoje nos navios e aviões das forças portuguesas.

Muito bem, mas o que significaria ela no casarão de Álvaro Coelho? Ora, primeiramente que ele era português. De fato, nasceu em 1879, em Coimbra, como conta Inocêncio Erbella na sua história de Presidente Venceslau (ele escreve com "v"; mas o presidente Wenceslau Brás tinha "w" no nome). Álvaro Antunes Coelho teve uma vida curta – morreu em 1931, em Santo Anastácio, num ataque pelas costas à faca – mas, em Portugal, teria estudado "engenharia" em Coimbra e depois frequentado o Seminário Maior da mesma cidade, onde tomara as ordens. Isto é dito por Inocêncio. Porém, não sei se a Universidade já tinha o curso de "engenharia civil" naquela época, enquanto o seminário em questão deve ser o multissecular Seminário Maior da Sagrada Família.

Depois de largar a batina e morar no Rio, Coelho veio pra Venceslau em 1922 envolvido com o negócio de terras. Vendia datas de terra – que, aliás, não eram dele mas de uma empresa colonizadora que ele administrava – e era considerado duro e "mandão". Se não tivesse morrido de morte matada em Anastácio, em plena praça Ataliba Leonel (antes João Pessoa),

JOSÉ ROBERTO FERNANDES CASTILHO

teria morrido depois, em Venceslau, como o mandante do crime confessou no inquérito. Matava-o de qualquer jeito em razão de uma "desfeita" (crime passional?) praticada pela vítima. Antes disso, sofreu outras tentativas, uma delas a tiros, de um médico que morava em Venceslau, em plena estação da Sorocabana em São Paulo. Trata-se da estação Julio Prestes, transformada na Sala São Paulo. A imprensa falou de um "ódio velho" motivado por causa não especificada.

Em meados dos anos 1920, o casarão – chamado pelo povo de "palacete" – foi construído num alto da cidade e ao seu lado levantou-se uma enorme caixa d'água que era alimentada por pás, roldanas e catavento a partir de um poço situado no subsolo. Uma engenhosa mecânica, que não era comum na região, captava a água, armazenava-a, e depois distribuía por todo o imóvel. Até hoje existe a caixa d'água, embora desativada, no alto da torre redonda (6,3 m de diâmetro) que a sustentava. Foi a viúva de Coelho, já nos anos 1940, quem mandou fazer o mirante, com aberturas em arcos e telhado de madeira.

Bem, e o que a cruz da Ordem de Cristo diz ali? Em primeiro lugar que o proprietário do edifício vinha da terra de Camões, evidentemente. Em segundo lugar que ele era cristão e imagina-se o maravilhoso efeito que a fresta da cruz causava quando a luz do sol por ela penetrava de manhã, com o casarão fechado. A luz coada deveria tornar o clima do casarão semelhante a uma igreja coimbrã com seus vitrais. Coelho lembrava, então, de sua vida clerical.

A Maçonaria seria herdeira velada da Ordem do Templo, cuja cruz orbicular é muito semelhante. Portanto, uma leitura com perspectiva ocultista poderia ver no ornamento um símbolo maçônico – e, assim, as várias tentativas de morte de Álvaro Coelho poderiam ter motivações outras, secretas, como no livro delirante de Dan Brown (*O Código Da Vinci*). Mas isto é pura fantasia: Álvaro Coelho não é um Bérenger Saunière tupiniquim. No entanto, algum elemento esclarecedor poderia ser encontrado na pintura exuberante do interior da casa, com flores e desenhos coloridos. A pintura interna está sendo resgatada agora, pelos novos proprietários do conjunto, em minucioso trabalho de restauro que precisa remover grossas camadas de tinta acumuladas e sobrepostas ao longo de décadas.

Se esta teoria parece conspiratória por completo, alguma coisa ela poderia ter de verdade em razão da grande difusão da Ordem Maçônica entre os lusos. Muitos imigrantes portugueses vieram para o Brasil com endereço certo de morada e trabalho arrumados pelos "irmãos" daqui. Mas, mesmo sem batina, Coelho continuava fortemente ligado à Igreja: Arthuzina D'Incao, outra historiadora de Venceslau, conta em crônica emocionante o encontro de Coelho, um apóstata, com o bispo de Botucatu que pela primeira vez visitava a cidade, em 1926: "O bispo esperava em pé. Álvaro Coelho entrou e, rápido ajoelhou-se, tomando-lhe a mão, beijando-a. D. Carlos também se curvou, ajudando-o a levantar-se". Foi neste dia que ele doou a parte frontal de seu imóvel para construção de uma igreja: a Igreja de Santo Antônio de Lisboa, aquele santo que pregava aos peixes do famoso sermão de Vieira.

QUE A POPULAÇÃO DE VENCESLAU, E DE TODA A REGIÃO, SAIBA VALORIZAR ESTE IMPORTANTE PATRIMÔNIO ARQUITETÔNICO, TOMBADO PELO ESTADO DE SÃO PAULO

Álvaro Antunes Coelho – assim como o Dr. Labiênio da Costa Machado, entre outros – é um ilustre pioneiro da região do Pontal do Paranapanema cuja história é cercada de sombras. Por onde terá andado ele antes de estabelecer-se em Venceslau? Casarão e mirante podem ter muitas histórias para contar. Porém estas histórias precisam ser lidas nas entrelinhas, com cuidado e dedicação. Que a população de Venceslau, e de toda a região, saiba valorizar este importante patrimônio arquitetônico, tombado pelo Estado de São Paulo desde 1991. UC

José Roberto Fernandes Castilho é professor assistente doutor junto ao Departamento de Planejamento, Urbanismo e Ambiente da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Unesp, Câmpus de Presidente Prudente.



Arte em unidade de hemodiálise

USO DE OBJETOS SONOROS E ESTRATÉGIAS DE NARRAÇÃO DE HISTÓRIAS

O Instituto Central do Hospital das Clínicas (ICHC) da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), sendo uma instituição pública de saúde de atendimento terciário, mantém a preocupação em dispor de ações de humanização na promoção da saúde de seus usuários e na qualidade de vida de seus profissionais. Essas ações minimizam as tensões existentes no ambiente hospitalar, tornando-o mais humanizado.

Nesse sentido, a instituição tem um Grupo de Trabalho de Humanização (GTH), composto por uma equipe multiprofissional, que desenvolve e acompanha projetos e ações voltadas para humanização, seguindo as diretrizes da Política Nacional de Humanização (PNH) do Ministério da Saúde, estando integrado à



© Stela Handa/Arte Despertar



© Stela Handa/Arte Despertar

Voluntárias da Arte Despertar na Unidade de Hemodiálise.

Rede Humaniza da FMUSP-HC, adotando os seguintes princípios:

- Valorização da vida;
- Compromisso com a qualidade do trabalho;
- Valorização da dimensão subjetiva e social das pessoas;
- Estímulo ao trabalho em equipe e à construção de redes cooperativas;
- Estímulo à participação, autonomia e responsabilidade.

Atualmente o GTH do ICHC possui ações de humanização, que abrangem os âmbitos do Acolhimento, Gestão Participativa, Ambiência, Ações Educativas e Educação Permanente, Arte e Cultura e Práticas de Cuidado. Para que isso ocorra, o GTH do ICHC realiza ações em parcerias; entre os parceiros do GTH, está a Associação Arte Despertar (AD)*.

A Arte Despertar atua desde 1997 promovendo ações voltadas para o desenvolvimento humano, com foco em competências socioemocionais, na área de saúde, com pacientes, acompanhantes e profissionais de saúde, sendo um parceiro do GTH do ICHC há três anos. A associação entende que é preciso olhar o indivíduo de forma integral para que consiga desenvolver consciência de si, do outro e do ambiente.

Em sua metodologia, a AD utiliza a arte e a cultura no resgate de identidade e histórias de vida dos indivíduos, visando propiciar experiências que impulsionem descobertas, reflexões e mudanças de atitude.

Essas experiências se dão por meio de intervenções com música e narração de histórias para pacientes, acompanhantes e profissionais de saúde em hospitais públicos e/ou filantrópicos da Grande São Paulo. Essas ações resgatam a autoestima, fazem conexões com histórias de vida, humanizam relações e o próprio ambiente hospitalar.

Com essa parceria, a AD e o GTH do ICHC desenvolveram estudo na Unidade de Hemodiálise do Instituto Central, utilizando o método de observação em campo antes e após a atuação dos arte-educadores com a linguagem da música e da narração de histórias.

A Unidade de Hemodiálise atende pacientes



© Marcos Santos/ USP Imagens

Fachada do Instituto Central do Hospital das Clínicas da FMUSP.

crônicos, que têm rotina semanal no hospital para realização de procedimentos de diálise. Esses pacientes têm limitações no seu cotidiano e dependem desse tratamento contínuo para sua sobrevida.

O convívio dos pacientes e colaboradores na Unidade de Hemodiálise é muito intenso, tendo em vista o longo período de tratamento e as características físicas do ambiente: as poltronas e as máquinas estão colocadas uma ao lado da outra, e o posto da enfermagem se localiza no meio da sala, no mesmo espaço físico. O tempo de convivência, que por vezes chega a durar por anos, faz com que a relação entre a equipe multiprofissional e o paciente seja muito estreita, e aspectos socioemocionais emergem com frequência, tornando muitas vezes as relações conflituosas.

Essa característica reforça a necessidade de a equipe multiprofissional considerar as subjetividades para amenizar as sequelas do adoecimento e dos conflitos nas relações entre pacientes, e entre paciente e equipe multiprofissional.

A equipe multiprofissional é formada por médico, enfermeira-chefe, assistente social, psicólogo e nutricionista. A promoção da saúde se dá por meio do foco biomédico e biopsicossocial. Esse último é indispensável para a efetivação do atendimento humanizado.

O CONVÍVIO DOS PACIENTES E COLABORADORES NA UNIDADE DE HEMODIÁLISE É MUITO INTENSO

A AD e o GTH, em sua atuação na hemodiálise, vêm observando que a abordagem utilizando Arte e Cultura nesse ambiente tem propiciado momentos mais acolhedores e de maior integração entre pacientes e profissionais da equipe.

Acredita-se que objetos sonoros podem, igualmente, favorecer esse clima de participação, integração e cocriação por parte dos pacientes. Sonoridades presentes no ambiente da hemodiálise, como sons relacionados aos procedimentos, diálogos, sons decorrentes do trabalho realizado pelos colaboradores, podem

As imagens A e B ilustram momentos referentes aos ruídos do espaço e à realização da arte sonora. O nosso objeto de análise foram os períodos ou ciclo de vibrações, que se denominam vibração sonora. Com um gravador Zoom H4, captamos as sonoridades e, em programas de áudio, observamos, literalmente, o desenho da onda sonora.

Ao observarmos as duas sonografias, imagens A e B, fica claro que a imagem B apresenta inconstância, não há periodicidade em relação ao tempo, há um pulso acelerado. Isso promove uma escuta de atenção exaustiva às pessoas naquele ambiente. Já na imagem A percebe-se periodicidade, decorrente da execução musical dos objetos sonoros, que promove uma estrutura harmônica para a ambiência.

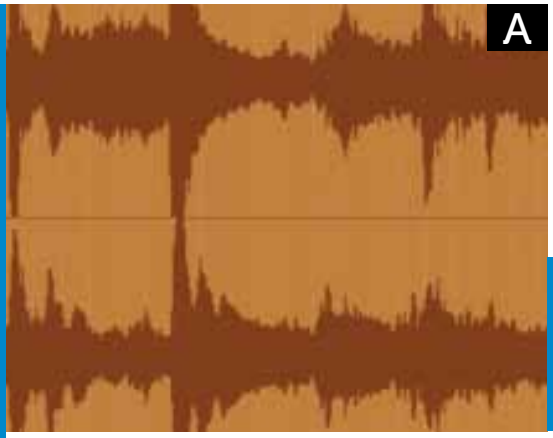


IMAGEM A
Referente à execução das plásticas sonoras na hemodiálise.

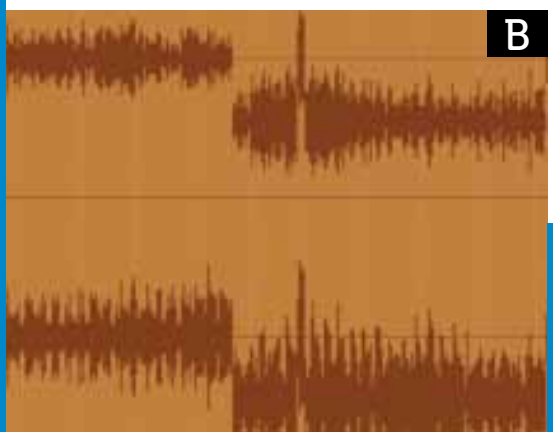
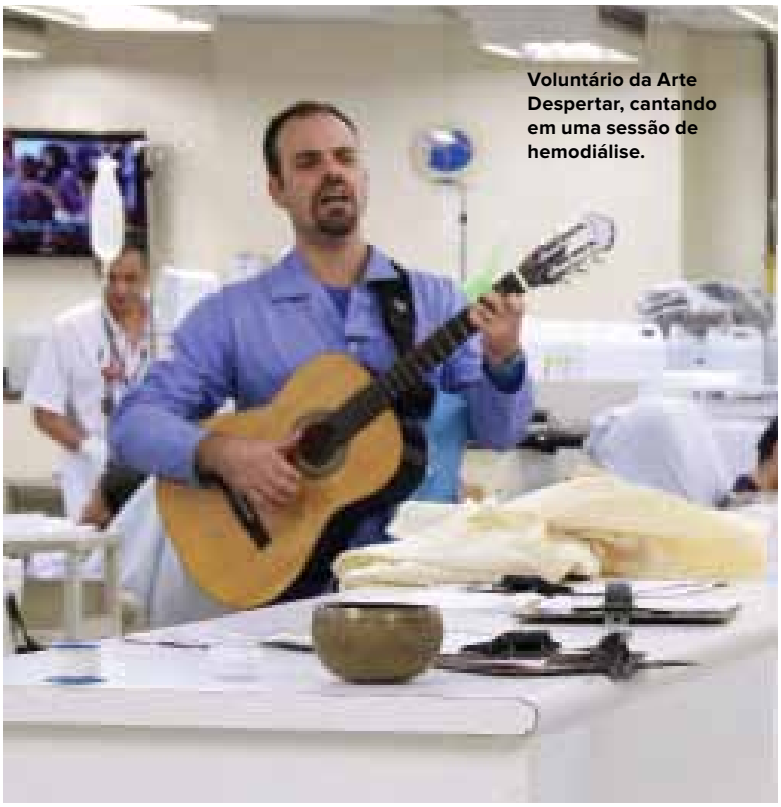


IMAGEM B
Referente à sonoridade do som ambiente ("ruídos" na hemodiálise).



Voluntário da Arte Despertar, cantando em uma sessão de hemodiálise.

© Stela Handa/ Arte Despertar

ser interpretados como ruídos. Podemos dizer que um ruído, na maioria das vezes, é um som indesejável, que interfere, que incomoda e nos impede de ouvir outro som mais desejado. O ruído, de certa maneira, é destruidor do que gostaríamos de estar ouvindo. Na hemodiálise, o desafio dos arte-educadores é o de "desalojar o outro som" ou sobrepor-se a ele durante a ação (*vide o quadro*).

De modo similar, as estratégias de narração de histórias, envolvendo contos tradicionais e histórias de vida dos pacientes, também podem colaborar com o fortalecimento do grupo e, assim, melhorar o ambiente de convívio, uma vez que favorecem a comunicação.

RESULTADOS

A experiência realizada na hemodiálise nos mostrou como a arte de contar histórias e a música ajudam a trabalhar situações conflitantes, auxiliam a amenizar o sofrimento do paciente e contribuem realizando ações que ajudam a promover a saúde psíquica e emocional do pa-

ciente e do ambiente. É uma arte instigadora, capaz de colaborar com o processo de humanização do ambiente hospitalar.

As histórias fazem parte do processo de comunicação entre os seres humanos. Por meio delas, as pessoas interagem, possibilitando o exercício crítico do sujeito com relação ao mundo. Nesse sentido, identifica-se que a narração de histórias deixa profundas marcas em quem as ouve, de forma que pode alterar o estado emocional e físico do paciente.

Por meio da imaginação e do processo co-criativo entre pacientes e arte-educadores, o paciente reorganiza os elementos provenientes de suas experiências passadas, dando-lhes novas formas e projeções futuras.

CONSIDERAÇÕES

As intervenções artísticas por meio da narração de histórias e da música contribuíram efetivamente para a modificação deste ambiente, colaborando inclusive para a qualidade das relações entre pacientes-profissionais da saúde, paciente-paciente e paciente-arte-educadores.

A arte neste caso possibilitou alterações comportamentais nos pacientes da Unidade de Hemodiálise como também alterações físicas e clínicas, como diminuição de ansiedade e estresse.

Considerando que temos a arte como linguagem para estabelecer um diálogo, durante o atendimento percebemos que, de fato, esse diálogo acontece efetivamente. O paciente sensibilizado participa, age corporalmente, comunica-se e estabelece, em alguns casos, uma conversa muitas vezes relacionada às suas memórias e história de vida.

Concluímos que estas ações contribuem de forma eficaz para a ambiência do setor de hemodiálise, porém é importante que ações artísticas e educativas, como também o modo de atuar nestas áreas hospitalares, sejam investigadas, incluídas nas politicas públicas da saúde e aprimoradas na continuidade deste e de outros projetos que visam trabalhar a saúde de um ponto de vista humanizado. UC

SOBRE OS AUTORES

ANDRÉ PEREIRA LINDENBERG – Graduação em Musicoterapia pela Faculdade Paulista de Artes, 2009. Músico terapeuta e arte-educador da Associação Arte Despertar.

JEAN-JACQUES ARMAND VIDAL – Doutorado em Artes Visuais pelo Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista (IA-Unesp). Tem experiência na área de artes, psicologia e educação. Psicólogo na associação Arte Despertar

KÁTIA CILENE OLIVEIRA DA SILVA – Articuladora da Humanização do Instituto Central do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de São Paulo (HCFMUSP). Graduação em Pedagogia pela Universidade Cidade de São Paulo (UNICID), 2016, e em Turismo pelo Centro Universitário Ibero-Americano, 2008. Especialização em Educação Ambiental pelo Senac Rio de Janeiro, 2010, e Gestão Integrada da qualidade, Meio Ambiente, Segurança e Saúde no Trabalho e Responsabilidade Social pelo Senac São Paulo, 2012.

KELLY JARDIM – Especialização em arteterapia aplicada a saúde, artes, educação e organizações pela Universidade Paulista, 2013. Arte Educador da Associação Arte Despertar.

NÍSIA DO VAL RODRIGUES ROXO GUIMARÃES – Assistente Social, Coordenadora do Grupo de Trabalho de Humanização do Instituto Central do Hospital das Clínicas (ICHC). Pós-Graduada em Hotelaria Hospitalar (2006). Organizadora do livro: *Hotelaria Hospitalar*: uma visão interdisciplinar – Editora Atheneu – 2006.

SANDRA PAPESKY SABBAG – Doutorado em Educação (Psicologia da Educação) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2004. Professora do Centro Universitário Ítalo-Brasileiro e pedagoga da Associação Arte Despertar.

SARAH ELISA VIANA – Graduação em Comunicação das Artes do Corpo com habilitação em Dança e Teatro. Atua como narradora de histórias na Associação Arte Despertar.

UC

*ARTE DESPERTAR <www.artedespertar.org.br>.



© Depositphotos

DÉCIO LUIZ GAZZONI

Adequações ao modelo fitossanitário atual

CABE AO AGRICULTOR OBSERVAR RIGOROSAMENTE AS BOAS PRÁTICAS AGRÍCOLAS

O cerne conceitual da Fitossanidade é atemporal. Sempre será necessário contar com instrumentos para evitar o ingresso de novas pragas, dispor de condições de quarentenamento de ingressos de material vegetativo de alto risco, manter um sistema de vigilância ativa e capacidade de identificação de pragas, proceder à erradicação ou contenção de novos ingressos e manter um sistema de convivência com as pragas estabelecidas, lastreado em programas de manejo de pragas.

Entretanto, os desafios se acentuam, conforme cresce a demanda por produtos agrícolas, com o aumento da população e, em particular, com o acentuado incremento da renda per cápita. Nesse cenário a FAO estima que, entre 2010 e 2050, será necessário aumentar em 70% a oferta de produtos agrícolas. Desse total, cerca de 40% serão os fornecidos pelo Brasil. Forçoso referir que um elevado status fitossanitário é o passaporte dos nossos produtos agrícolas para exportação.

As restrições que se apresentam para atender a essa demanda adicional são o esgotamento da área cultivável e a disputa com outras formas de ocupação do espaço rural, as mudanças climáticas, a escassez de mão de obra e o acirramento dos problemas fitossanitários. Nesse aspecto, devemos elencar as principais características que marcarão as próximas décadas:

- Exigências maiores de qualidade e inocuidade por parte dos consumidores;
- Regulamentos fitossanitários nacionais e internacionais cada vez mais restritos;
- Análise minuciosa e demorada nas agências reguladoras;
- Crescente dificuldade de obtenção de novos ingredientes ativos;
- Desenvolvimento de resistência de pragas aos agrotóxicos;
- Necessidade de refúgios em cultivos OGMs;
- Intensificação da agricultura e estabelecimento de pontes verdes;
- Observância dos vazios sanitários;
- Crescente introdução de pragas exóticas no país;
- Impacto das mudanças climáticas, favorecendo as pragas;
- Falsificação e contrabando de agrotóxicos, prejudicando o controle de pragas;
- Impacto de agrotóxicos sobre serviços ecossistêmicos;
- Necessidade de maior capacidade de pronta resposta dos governos;
- Dificuldades orçamentárias dos governos para atender às demandas;
- Escassez de mão de obra no campo;

DÉCIO LUIZ GAZZONI



© Pixabay

Decio Luiz Gazzoni é Pesquisador da Embrapa Soja. Este texto foi produzido a partir da palestra Adequações necessárias no modelo fitossanitário, proferida no Congresso Brasileiro de Fitossanidade, realizado em agosto de 2017. E-mail: <decio.gazzoni@embrapa.br>.

Nesse contexto, será imperioso que as diferentes instâncias de Governo internalizem a importância do agronegócio para o desenvolvimento econômico e social do país, conferindo-lhe a devida prioridade e investindo nos eixos básicos da fitossanidade, como inteligência quarentenária, análise de risco, inspeção de ingresso, sistema quarentenário, vigilância ativa, controle de trânsito e pesquisa e desenvolvimento em fitossanidade, o que inclui o melhoramento preventivo para dispormos de material genético resistente a eventuais novas pragas.

Caberá ao agricultor observar rigorosamente as Boas Práticas Agrícolas, em especial seguindo as recomendações dos programas de manejo de pragas, atentando para práticas como o monitoramento constante das pragas na lavoura, o uso de material genético resistente às pragas, lançar mão de práticas culturais que desfavoreçam as pragas, utilizar e preservar o controle biológico, utilizar o controle químico de forma inteligente, sempre atentando para a melhor tecnologia de aplicação e o manejo da resistência das pragas aos agrotóxicos, e estar atento às novas tecnologias, como variedades OGMs resistentes às pragas ou o RNA interferente.

Assim agindo, o agricultor aumentará sua sustentabilidade, competitividade e lucratividade e o Brasil poderá cumprir seu destino de ser o grande protagonista no comércio agrícola internacional. UC

"Existiria uma filosofia brasileira?"

FILÓSOFO BUSCA RESPONDER À PERGUNTA ENGANADORAMENTE SIMPLES

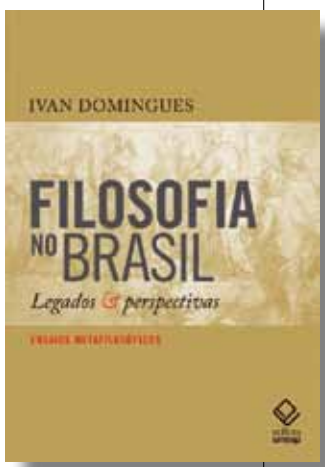
"Existe uma filosofia brasileira?", pergunta Ivan Domingues. Para lançar luz a essa questão, em *Filosofia no Brasil*: legados e perspectivas – Ensaios metafilosóficos, lançamento da Editora Unesp, o autor lança mão do ensaísmo como ferramenta literária. Seu objetivo é uma reflexão filosófica sobre a filosofia, um texto metafilosófico cujo "objeto, no caso, é a filosofia brasileira ou, mais precisamente, o problema filosófico da existência ou não de uma filosofia no Brasil, justificando o qualificativo de brasileira", afirma.

Ao longo de seis capítulos, "dispostos em passos argumentativos com unidade temática", como define Domingues, reserva ao primeiro o "delineamento do argumento metafilosófico da filosofia nacional e seus recortes temporais, em que o propósito dos ensaios é debatido e a metodologia justificada". Atento ao percurso da história das ideias em nossas terras, da época da colônia aos nossos dias, todo o empenho analítico – verdadeiro desafio pessoal – consiste em cruzar a história intelectual e a investigação metafilosófica, ao se perguntar pela ratio filosófica e pela experiência do filosofar, elas mesmas variáveis, exigindo uma cuidadosa reconstrução contextual, de que se ocuparão os cinco capítulos seguintes, da focalização do problema ao desenho de perspectivas.

Oswaldo Giacoia Junior anota no prefácio da obra que "Ivan Domingues faz livre uso dos tipos ideais de Max Weber para, levando em conta os fatores específicos da história do Brasil, descrever a formação de um conjunto de escolas de pensamento e modelos típicos de intelectuais, cuja especificação e ordem de aparecimento acompanham as vicissitudes e transformações estruturais da história nacional". É nesse contexto que o livro evoca o intelectual orgânico da igreja ou o jesuíta, na época da colônia; o diletante estrangeirado remanescente do direito nos tempos do Império e da República Velha; o scholar ou o virtuose modelado pela Missão Francesa na tecla inaugurada com a fundação da USP e que mais tarde se espalhará no restante do país, protagonizada pela Capes e o CNPq; o filósofo intelectual público, na esteira de Zola e da 3ª República francesa, tendo irrompido na cena brasileira a partir dos anos sessenta, no ambiente de resistência à ditadura; e o intelectual cosmopolita globalizado, este procurado no futuro e não mais no passado, como é o caso das quatro figuras anteriores. "Esses tipos", como conclui Giacoia, "seriam também encontráveis em outras culturas, mas não na mesma sequência e do mesmo modo que no Brasil. É isso o que torna a obra única". UC

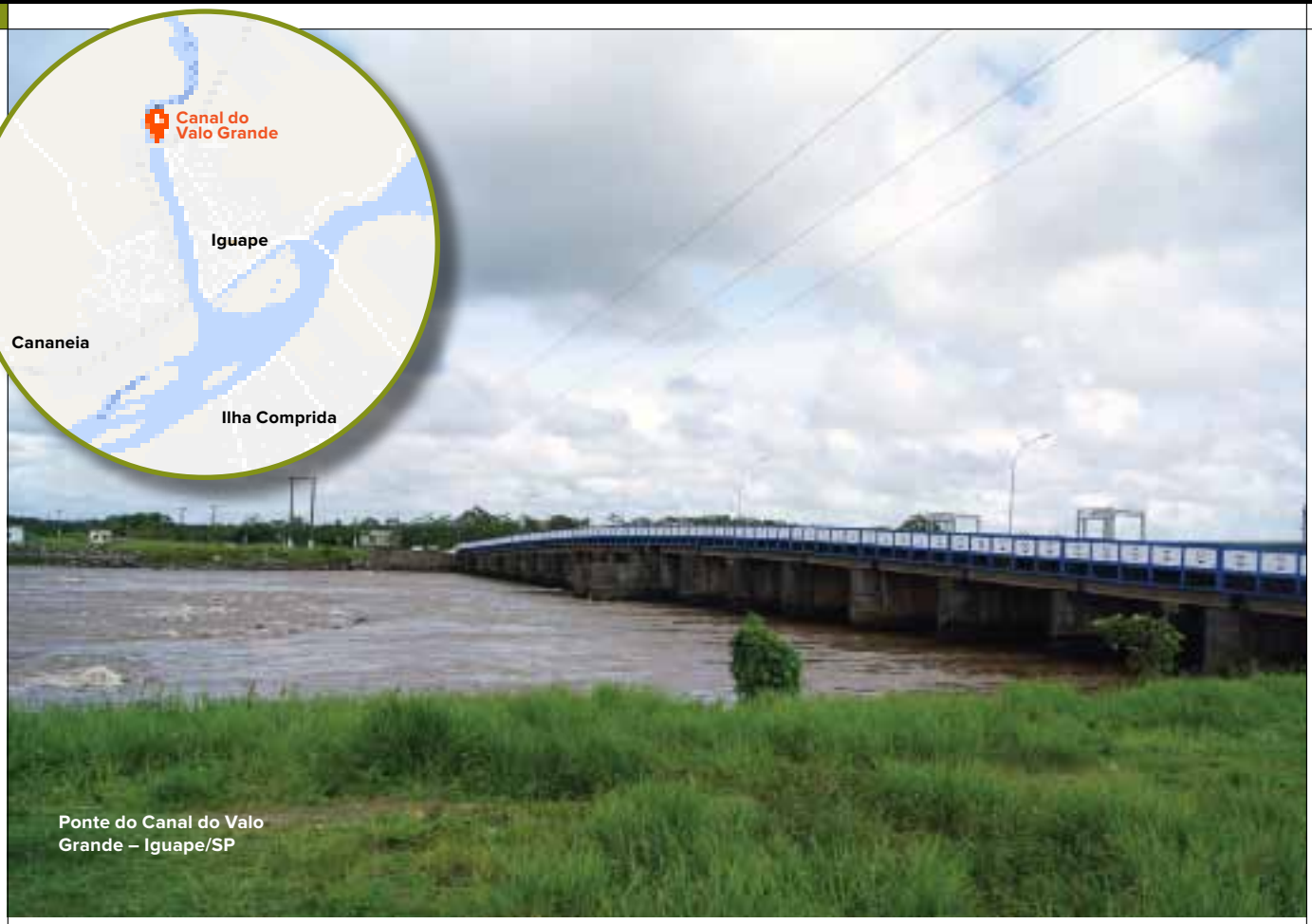
SOBRE O AUTOR

Ivan Domingues é doutor em filosofia pela Universidade de Paris 1 e pós-doutor pelas universidades de Oxford e Notre Dame. Atua como professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), onde coordena o Núcleo de Estudos do Pensamento Contemporâneo, dedicado à análise de questões do mundo atual a partir de uma abordagem transdisciplinar. É autor de, entre outras obras, *O grau zero do conhecimento*: o problema da fundamentação das ciências humanas (1991), *Epistemologia das ciências humanas* (2004) e *O continente e a ilha*: duas vias da filosofia contemporânea (2ª edição, no prelo).



***Filosofia no Brasil*: Legados e perspectivas – Ensaios metafilosóficos; Ivan Domingues; Editora Unesp; 561 páginas, R$ 89,00.**

Mais informações sobre os livros publicados pela Editora Unesp estão disponíveis no site <www.editoraunesp.com.br>.



Ponte do Canal do Valo Grande – Iguape/SP

© André Pimentel/ www.mapio.net

O problema do Valo Grande

ARTIGOS ENFOCAM QUESTÃO AMBIENTAL

GUARDIÕES DA ZONA COSTEIRA EM SÉRIO RISCO

MARÍLIA CUNHA LIGNON

O litoral sul abriga as mais extensas e conservadas áreas de manguezal do Estado de São Paulo, com cerca de 15.193 ha, as quais propiciam abrigo, alimentação e local de reprodução para diversas espécies de peixes marinhos e dulcícolas, crustáceos e moluscos, tornando a região extremamente importante para a produção pesqueira local.

Devido aos serviços ecossistêmicos prestados pelos manguezais, tais como prover alimento, regular o clima, proteger a região estuarina de processos erosivos, entre outros fatores podemos considerar os manguezais como guardiões das zonas costeiras.

No litoral sul de São Paulo, a grande diversidade paisagística, formada por manguezais, restingas, floresta atlântica, praias, estuário, rios e alagados, proporciona alta diversidade biológica. Essa região constitui exemplo único de zona úmida com alta diversidade natural, além de possuir uma rara beleza cênica, espécies ameaçadas e endêmicas, entre outras características que a qualificaram como integrante da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica e do Sítio do Patrimônio Mundial Natural, reconhecidos pela Unesco.

A principal bacia hidrográfica do litoral sul é a do rio Ribeira de Iguape, que ocupa uma área de 17.068 km^2. O canal artificial Valo Grande, construído no século XIX, liga o rio Ribeira ao estuário na região de Iguape. Atualmente, o canal artificial tornou-se passagem preferencial das águas do rio Ribeira, diminuindo consideravelmente a vazão que passava pelo trecho original do rio, o que levou ao assoreamento de várias partes do percurso natural. Esse fato acarretou

grandes alterações no sistema costeiro, tais como aumento de taxa de sedimentação, redução de salinidade e mudança na biota local.

Nessa região, as áreas de manguezal têm sofrido sérios impactos, sendo aos poucos substituídas por espécies de macrófitas aquáticas. A ocorrência de bancos de macrófitas ao redor e dentro de bosques de mangue no sistema costeiro, sobretudo próximo ao canal artificial Valo Grande (região de Iguape), alerta para as alterações ambientais, que vêm ocorrendo na região, em função da redução da salinidade, e consequentemente com a perda de funções ecológicas do ecossistema manguezal.

As condições de saúde dos manguezais se refletem na pesca. Em Cananeia, a produção pesqueira apresenta diversidade muito mais alta do que no trecho norte (Iguape).

O monitoramento da pesca, realizado pelo Instituto de Pesca, e dos manguezais é realizado desde 2001 em Cananeia e desde 2010 em Iguape.

A determinação do juiz da 2ª Vara de Iguape, que condenou o Estado de São Paulo a realizar o fechamento definitivo e em tempo integral da barragem do Valo Grande, poderá trazer consequências muito positivas para a saúde dos manguezais de Iguape. Com o fechamento do Valo, grande parte da água do rio Ribeira não irá mais entrar no estuário, levando ao aumento da salinidade. Atualmente, a salinidade da lama do manguezal, próximo ao Valo Grande, está entre 0 e 4 de salinidade, muito abaixo do que monitoramos na região de Cananeia, onde a salinidade está em torno de 26 e 30. Em áreas de maior salinidade, não há desenvolvimento das macrófitas. Dessa forma, a tendência será que, com o aumento da salinidade na região de Iguape, as macrófitas irão morrendo, dando novamente espaço e condições de a vegetação típica de mangue se recuperar. Esse processo pode se dar de forma natural ou com uma ajuda. Importante será a retirada das macrófitas mortas do estuário de forma adequada, sem causar danos e nem pisoteios nas áreas de mangue.

Com essa decisão, vemos uma chance para os guardiões das zonas costeiras em todo o litoral sul de São Paulo, fornecendo de forma plena seus serviços ecossistêmicos.

ALTERAÇÃO DE UM ECOSSISTEMA

DANIELA FERRO DE GODOY

O Valo Grande, no litoral sul do Estado de São Paulo, é um problema que se arrasta desde a sua construção. Hoje o desague das águas do Canal do Valo Grande direto no estuário tem causado grandes consequências diretas para a fauna e a flora de todo um ecossistema, alterando a ciclagem biogeoquímica dos nutrientes e também a salinidade, em função da maior descarga de água doce no Sistema do Complexo. O Valo ainda permitiu a descarga de metais pesados vindos de antigas mineradoras já existentes no rio Ribeira para dentro do estuário

Dentre todas as alterações causadas à fauna e à flora, estudamos a influência do Valo Grande sobre a distribuição do boto-cinza (*Sotalia guianensis*) dentro do Complexo Estuarino Lagunar de Cananeia. Através de modelos estatísticos verifiquei que a vazão diária do Valo Grande está correlacionada de maneira negativa com a distribuição dos botos na região. Além desses modelos descritivos, também foi realizado um modelo preditivo que, como o próprio nome já diz, prevê alguma situação. Nele prevemos a distribuição dos botos considerando a vazão máxima, média e nula do Valo. Com isso constatamos que nas áreas mais próximas ao Valo Grande a distribuição dos botos cinza pode aumentar em até quatro vezes quando a vazão do Valo for nula, ou seja, com o Valo fechado.

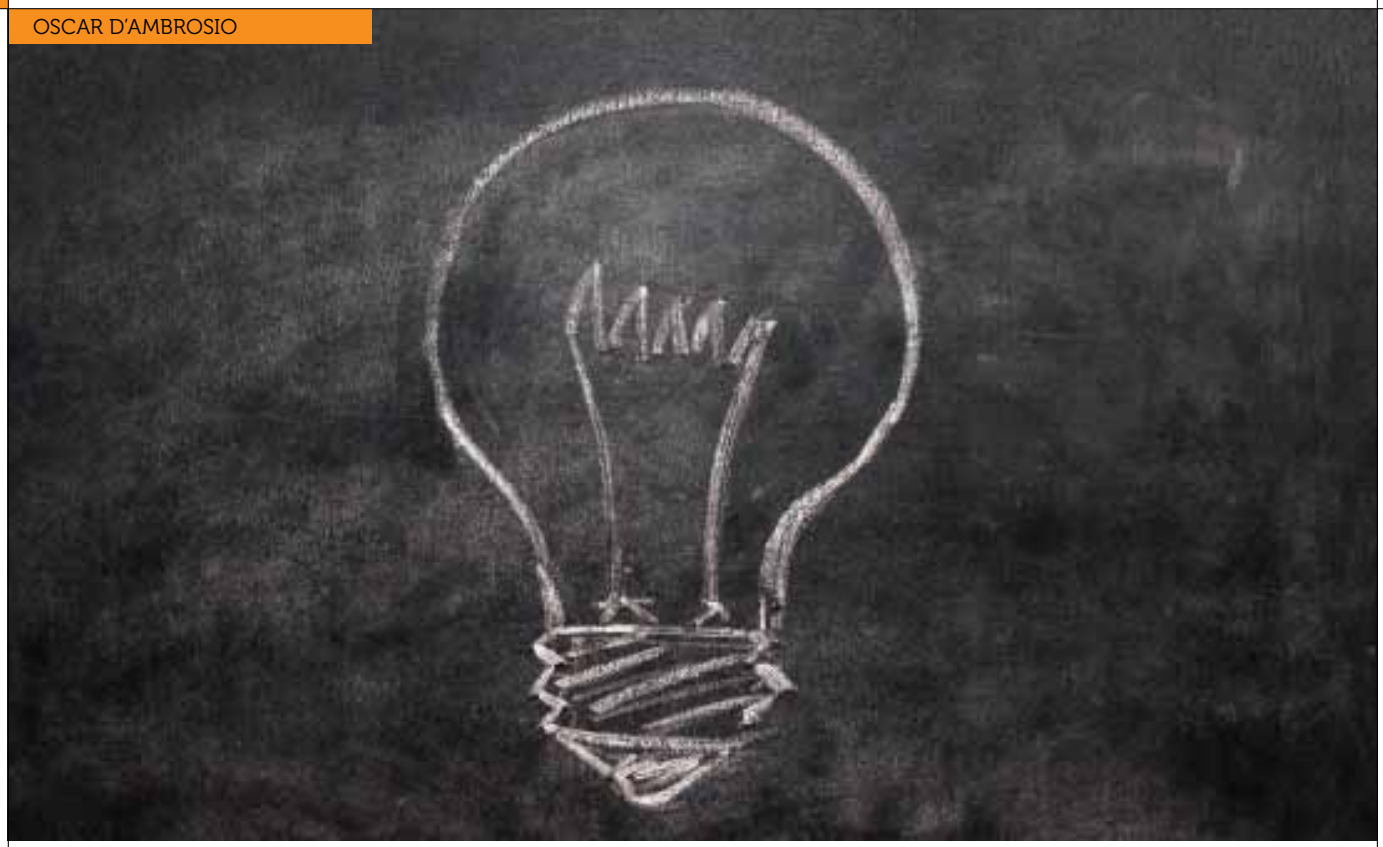
Muitos ainda argumentam que o fechamento do Valo Grande acarretará enchentes nas várzeas. No entanto, mesmo com o Valo Grande aberto tivemos enchentes na região, como já pudemos presenciar por alguns anos.

Temos que pensar que se o Valo continuar aberto, alterando todo um ecossistema, a perda de espécies de fauna e flora em determinadas regiões do estuário terá um valor inestimado, muitas vezes sem possibilidade de recuperação. UC

Marília Cunha Lignon é professora assistente doutora da Unesp, Câmpus de Registro, onde leciona no curso de Engenharia de Pesca.

Daniela Ferro de Godoy é doutora em Ecologia (UFJF) e pesquisadora do Instituto de Pesquisas Cananeia – IPeC.

OSCAR D'AMBROSIO



© Depositphotos

Pesquisa, Arte e Opinião

A revista **unespciência** completa oito anos em 2017. Três palavras podem expressar a importância da publicação para a Universidade e para o sistema de ensino superior paulista: Pesquisa, Arte e Opinião. São elementos que, presentes na edição impressa e nos conteúdos exclusivos online, constituem diferenciais que se articulam com o tripé ensino, pesquisa e extensão no qual se fundamentam as universidades públicas, gratuitas e de qualidade.

Se entendermos a Pesquisa como um conjunto de atividades que têm por finalidade a descoberta de novos conhecimentos no domínio científico, literário e artístico sob uma investigação e/ou indagação minuciosa, a **unespciência** divulga aquilo que a Unesp tem de melhor nas mais diversas áreas do conhecimento, seja nas Biológicas, nas Exatas ou nas Humanidades.

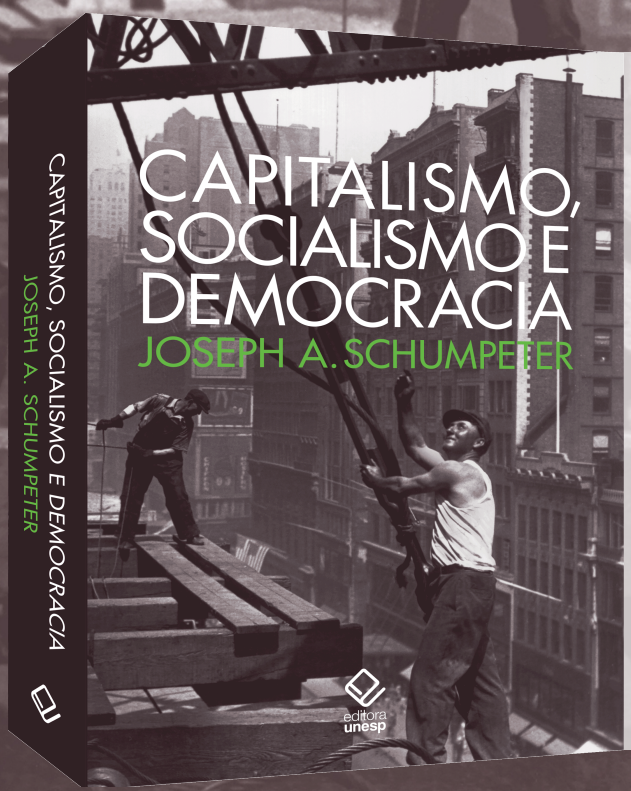
Se pensarmos a Arte como a atividade humana ligada às manifestações de ordem estética ou comunicativa realizada por meio de uma grande variedade de linguagens, como arquitetura, desenho, escultura, pintura, escrita, música, dança, teatro e cinema, em suas variadas combinações, a **unespciência** dá espaço para difundir processos criativos, fundamentados na percepção que tem como intuito expressar emoções e ideias de modo a dar um significado único e diferente para cada obra.

Se considerarmos Opinião como uma maneira de pensar, de ver, de julgar, de maneira pessoal, ofertando julgamentos, pareceres e pensamentos sobre os mais variados assuntos, a **unespciência** abre espaço para as mais diversas opiniões sobre os assuntos que já estão na mídia e sobre outros muitas vezes ignorados pelos principais veículos.

Assim, Pesquisa, Arte e Opinião se articulam para uma publicação que busca ser cada vez melhor a cada edição, em nome de uma Universidade focada na busca do conhecimento, na valorização da arte como expressão humana e na promoção da liberdade de expressão e da diversidade de pensamento. UC

Oscar D'Ambrosio é doutor em Educação, Arte e História da Cultura, mestre em Artes Visuais e assessor-chefe da Assessoria de Comunicação e Imprensa da Unesp.

Clássico de Schumpeter ganha nova tradução e prefácio de Prêmio Nobel



Considerado pelo Prêmio Nobel de Economia Joseph Stiglitz "tão relevante hoje quanto na época da sua primeira publicação, em 1942", o livro clássico e mais famoso do teórico austríaco Joseph Schumpeter *Capitalismo, socialismo e democracia* chega, agora, integralmente com nova tradução e prefácio de Stiglitz. Schumpeter inicia o texto com um exame crítico do marxismo, dedica-se a um longo elogio analítico do capitalismo, embora preveja razões para seu fim, e investiga as premissas do socialismo e as ligações desse sistema com a democracia.

Capitalismo, socialismo e democracia
Joseph Schumpeter | 582 páginas | R$ 89

Pluricom

Produzir conteúdo,
Compartilhar conhecimento.
Editora Unesp, desde 1987

www.editoraunesp.com.br

30 anos editora unesp

Le Goff e Schmitt traduzem dez séculos do Ocidente medieval



Com o objetivo de não apenas fornecer informações, mas traduzir o constante desenvolvimento da historiografia da Idade Média, os historiadores franceses Jacques Le Goff e Jean-Claude Schmitt se lançaram na empreitada de organizar o *Dicionário analítico do Ocidente medieval*. Guia para percorrer a Idade Média, centenas de verbetes convidam o leitor a mergulhar no passado e analisá-lo, servindo como ferramenta para se pensar os caminhos que trouxeram a civilização ocidental aos dias de hoje.

Dicionário analítico do Ocidente medieval – Volumes 1 e 2
Jacques Le Goff e Jean-Claude Schmitt (Orgs.) | 746 páginas (v. 1) e 708 páginas (v.2)
R$ 268 (box com os dois volumes)

Pluricom

Produzir conteúdo,
Compartilhar conhecimento.
Editora Unesp, desde 1987

www.editoraunesp.com.br

30 anos editora unesp